

## **DE “PAÍS DO FUTEBOL” A “PAÍS DOS MEGAEVENTOS”: UM BALANÇO DA MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS BRASILEIROS SOB A ÓTICA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DA CIDADE DE SÃO PAULO**

Bernardo Borges Buarque de Hollanda  
Jimmy Medeiros<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo objetiva um balanço do chamado “legado” da Copa do Mundo de 2014, com o acompanhamento do período que se sucedeu à realização do Mundial da FIFA no Brasil. O trabalho investiga os desdobramentos da relação entre as novas arenas e o público frequentador de estádios, em particular o segmento conhecido pela denominação torcidas organizadas. De início, descreve-se o conjunto de transformações arquitetônicas e infraestruturais empreendidas para a Copa; em seguida, revisa-se a literatura acadêmica relativa aos usos e às apropriações dos novos estádios pelas torcidas; por fim, apresenta-se um *survey* aplicado no pós-Copa a centenas de torcedores da cidade de São Paulo. Este levantamento possibilita identificar aspectos positivos e negativos apontados pelos usuários dos equipamentos esportivos, com uma distinção entre a modernização dos estádios para as demandas do padrão FIFA e sua utilidade *a posteriori*, em especial para a chamada “festa” nas arquibancadas – faixas, bandeiras, cânticos e coreografias – durante os campeonatos nacionais e estaduais. À luz do “clubismo” – modo de apoio a um clube, que se diferencia da forma de torcer para a seleção nacional –, conclui-se com uma visão heterogênea e diferenciada tal como apresentada pelos integrantes de torcidas organizadas. A decomposição dos dados estatísticos permite detectar ora vantagens ora desvantagens à “cultura torcedora”, no que se convencionou chamar legado futebolístico da Copa do Mundo para o Brasil.

**Palavras-chave:** Futebol; Copa do Mundo 2014; Arenas; Torcidas organizadas;

### **From the “land of football” to the “land of mega events”: an evaluation of the Brazilian stadiums modernization under the perspective of the “Football organized supporters” from São Paulo**

**Abstract:** This paper aims at evaluating the so-called “legacy” of the 2014 FIFA World Cup, analyzing the period after the World Cup in Brazil. The study investigates the developments of the relationship between the new arenas and fans, particularly the groups called “organized supporters”. We first describe all architectural and infrastructural transformations made for the World Cup; then, we review the literature concerning uses and occupations of the new stadiums by the supporters; lastly, we present a survey applied after the World Cup to supporters from São Paulo. This survey made possible to identify positive and negative aspects mentioned by the users of sports facilities, with a distinction between modernization of stadiums to comply with FIFA standards and their utility *a posteriori*, especially for the so called “celebration” in the stands – banners, flags, songs and choreographies – during state and national championships. In light of “football-clubbism” – a way of supporting a club, which differs from the way of supporting the national team –, we concluded with a heterogeneous and different point of view as presented by members of the “organized supporters”. The analysis of statistical data allows detecting advantages and disadvantages to the “supporter culture”, in what is called conventionally the football legacy of the World Cup for Brazil.

**Keywords:** Football; 2014 FIFA World Cup; Arenas; Organized supporters.

---

<sup>1</sup> Professores-pesquisadores da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV).

## Introdução

O texto a seguir se situa no conjunto mais amplo de indagações sobre o sentido dos esportes para a sociedade brasileira, considerando a conjuntura atual em que se insere o país. Desta forma, a atenção se dirige para os usos e para as apropriações dos novos estádios pelos torcedores de futebol, no período posterior à Copa do Mundo de 2014. O trabalho objetiva a compreensão do impacto das arenas na constituição das identidades coletivas do associativismo juvenil, por intermédio dos grupos de torcedores nucleados e mobilizados em torno do futebol profissional de alto rendimento.

Se as arenas foram concebidas a partir das exigências standardizadoras da FIFA, a fim de atender às expectativas de um torneio de seleções nacionais com duração de um mês, após sete anos de preparação, com encargos e responsabilidades concentradas no país-sede, lança-se a questão: como entender, em tal contexto, a ideia de um “legado” para um país cujos campeonatos locais funcionam em função dos clubes, não do selecionado brasileiro? Como compreender a adaptação da dinâmica clubística a estádios frequentados por torcidas cujos comportamentos são distintos do público que assistiu às partidas da Copa?

A hipótese aqui lançada parte do reconhecimento desse descompasso estrutural entre as torcidas de selecionados nacionais<sup>2</sup> e as torcidas de clubes, dois sistemas de representação distintos dentro do futebol de espetáculo, o nacionalismo e o clubismo, conforme sustenta Arlei Damo<sup>3</sup>. Tal descompasso coloca, em princípio, em xeque, ou ao menos em situação embaraçosa, a altruística nomenclatura “legado”, quando aplicada pelos megaeventos da FIFA para o caso do Brasil.

Além dos altos e questionáveis custos exigidos ao governo do país anfitrião, tal como reportados pela opinião pública desde 2007, a utilização *a posteriori* dos megaeventos acentua o ceticismo quanto aos benefícios concretos para a melhoria dos níveis de qualidade do futebol brasileiro depois do Mundial de 2014.

A fim de examinar a extensão desse problema, o texto estrutura-se em três partes. A primeira, concentrada no megaevento da Fifa ocorrido no Brasil, apresenta aspectos relevantes sorvidos da literatura internacional e descreve o conjunto das modificações operadas nos estádios brasileiros, com base também na bibliografia especializada no país.

Já a segunda seção coloca em destaque os trabalhos acadêmicos sobre a transformações das praças esportivas convertidas em arenas, tal como desenvolvidos em programas de pós-graduação do Brasil, elegendo para exame três estádios – Maracanã, Mineirão e Arena da Baixada – e uma arena construída especialmente para a Copa: a Arena Corinthians.

---

<sup>2</sup> Cf. DE WAELE, LOUAULT, 2016.

<sup>3</sup> Cf. DAMO, 2014, p. 26.

A terceira e principal parte enfoca um segmento específico de torcedores, que integram as torcidas organizadas de futebol. É sabido que a problemática comportamental dessas torcidas, associadas à pauta jornalística da violência urbana e da delinquência juvenil, colocam no epicentro de um debate sobre a sua exclusão social, por meio de dois expedientes: 1. O impedimento jurídico de sua existência, determinada nas últimas décadas pelo Ministério Público de alguns estados da federação, em razão de recorrentes atos de vandalismo e de brigas premeditadas seguidas de mortes; e 2. A elitização dos novos estádios, exponenciada por programas de fidelização de sócios e do aumento substantivo do valor dos ingressos, decorrência, dentre outros fatores, da redução da capacidade dos equipamentos esportivos.

Dessa forma, justamente em razão de sua dimensão polêmica e conflitiva, porquanto se trata de atores indesejados, cuja presença coletiva vai de encontro ao perfil de maior poder aquisitivo esperado do frequentador contemporâneo de estádios, bem como do desenho dos projetos de engenharia e arquitetura das arenas, optou-se por desenvolver uma pesquisa quantitativa junto a essa “população”. Com ela, busca-se entender como o torcedor organizado percebe, opina e reage às mudanças ocorridas no futebol brasileiro da última década.

### **De estádio a arena: o contexto dos megaeventos esportivos no Brasil**

Na primeira quinzena do século XXI, o futebol brasileiro assistiu a um intenso processo de transformação de seus estádios, com a introdução de assentos numerados nas arquibancadas e com a remodelagem de parte substantiva de sua infraestrutura. Tal processo resultou por sua vez de um conjunto de mudanças, em escala nacional e internacional, na esteira do que se convencionou chamar de “esporte-espetáculo” ou de “futebol-empresa”.

Segundo o economista Marcelo Proni, do Instituto de Economia da Unicamp, trata-se de:

...uma forma particular de práticas altamente competitivas e de uma esfera específica de consumos esportivos. O esporte-espetáculo não substitui e sim se sobrepõe às formas mais simples de competição esportiva; não concorre com e sim potencializa as demais formas de consumo esportivo (...) a introdução de uma mentalidade empresarial na organização esportiva decorreu da apropriação do esporte pela indústria do entretenimento e do desenvolvimento do marketing esportivo<sup>4</sup>.

Para muitos, a conversão dos antigos estádios em confortáveis arenas, dentro da dinâmica de espetacularização do futebol, teve um efeito positivo, posto que dinamizador da economia, captador de investimentos privados e capaz de equiparar as vetustas praças

---

<sup>4</sup> Cf. PRONI, 1998, p. 93 e 253.

desportivas brasileiras, “carcomidas pela falta de manutenção, pedindo reformas urgentes”<sup>5</sup>, ao paradigma dos estádios europeus.

Para outros, a leitura é inversa, com a interpretação de que a modernização dos equipamentos esportivos teve um efeito nocivo, pois despendeu dinheiro público, retraiu a dimensão democrática e popular dos estádios e promoveu afinal um maior grau de elitização<sup>6</sup>.

O novo paradigma arquitetônico – “utilitário, funcional e pragmático”<sup>7</sup> – implicou não apenas em um design *high tech* diferenciado. Ele contemplou um projeto privatista traduzido em um novo público alvo, com camarotes corporativos, *business seats*, *club seats* e *season tickets*, entre outros. Seu corolário perverso coube aos habituais frequentadores, com o aumento exponencial no valor dos ingressos, com a valorização de espaços *vips* e com a setorização de camarotes destinados aos patrocinadores.

Enquanto no Brasil a literatura especializada e o senso comum costumam empregar o termo “elitização”, na Grã-Bretanha, matriz exportadora do novo padrão futebolístico, utiliza-se o vocábulo “gentrificação” para tratar dos estudos urbanos que exploram a revitalização das cidades e de determinadas áreas, prédios, monumentos ou complexos arquitetônicos.

Decalcada do inglês *gentry*, que significa de origem nobre, a palavra, segundo o geógrafo escocês Neil Smith, adquiriu o seguinte sentido contemporâneo:

Gentrification is the process, I would begin, by which poor and working-class neighborhoods in the inner city are refurbished via an influx of private capital and middle-class homebuyers and renters—neighborhoods that had previously experienced disinvestment and a middle-class exodus<sup>8</sup>.

Desde pelo menos os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, os megaeventos esportivos têm sido considerados ocasiões propícias a esse tipo de empreendimento revitalizador. Nele, os esportes articulam-se à midiaticização do mundo, à especulação financeira, à sanha imobiliária, à dinamização móbil das cidades e à potencialização do turismo<sup>9</sup>.

A fim de aferir o impacto da Copa de 2010 na África do Sul, James Duminy e Thembi Lockett<sup>ii</sup> identificaram três fatores gerais que permitiram o agigantamento dos megaeventos esportivos nas últimas décadas. O primeiro diz respeito à celeridade das informações e ao avanço dos dispositivos técnico-informacionais, capazes de amplificar os índices globais de audiência televisiva.

O segundo concerne à poderosa aliança econômico-política estabelecida entre esportes, mídia e business, via ações convergentes entre merchandising, mercantilização e aquisição dos direitos de patrocínio e transmissão. O terceiro liga-se à crescente atração

<sup>5</sup> Cf. SOUSA, 2014, p. 9.

<sup>6</sup> Cf. FERREIRA, 2014.

<sup>7</sup> Cf. CAMPOS, 2014, p. 350.

<sup>8</sup> Cf. SMITH, 2005, p. 30.

<sup>9</sup> Cf. MASCARENHAS, 2016.

despertada por cidades de regiões periféricas – “emergentes”, “em desenvolvimento” ou BRICS – que apostam nas parcerias público-privadas e na exposição imagética como forma alternativa de alcançar visibilidade e de obter vantagens, materiais e simbólicas, com a realização de um megaevento<sup>10</sup>.

No Brasil, a mutação extracampo repercutiu no universo esportivo, com o estímulo à adoção de um conjunto de princípios consumeristas<sup>11</sup>. Se, por um lado, para agenciar essas transformações, o governo brasileiro promulgou a Lei nº 10.671/2003, mais conhecida como o Estatuto de Defesa do Torcedor, a dispor sobre direitos e deveres dos entes e das autoridades responsáveis pelo espetáculo esportivo, por outro, não foi possível controlar a tendência à privatização dos espaços e às formas privadas de relacionamento entre os clubes de futebol e os seus seguidores, através de programas exclusivo de acesso aos jogos. A fidelização customizada ensejou, pois, o aparecimento da figura do “sócio torcedor”.

A realização da XX Copa do Mundo FIFA 2014, entre outros megaeventos internacionais hospedados no Brasil, foi um dos momentos deflagradores desse empuxo modernizador. Parte considerável da Academia identificou-a a um projeto excludente, alijador das classes populares, cuja relação com os esportes de alto rendimento no país deixa de ser mediada pelas arquibancadas festivas e por seu tradicional caráter interclassista e multirracial.

Das doze arenas requeridas para o torneio, cinco foram construídas de maneira exclusiva para atender às exigências da organização: a Arena Pantanal, em Cuiabá; a Arena Amazonas, em Manaus<sup>iii</sup>; a Arena das Dunas, em Natal; a Arena Pernambuco, em Recife; e a Arena Corinthians, em São Paulo. A estas se somou o estádio Joaquim Américo Guimarães, em Curitiba, mais conhecido pela alcunha de Arena da Baixada, incluído em seguida para ser sede do evento futebolístico sob os auspícios da FIFA.

Além dessas seis arenas, dois estádios foram refeitos por completo, com vistas a adequar-se às necessidades e aos critérios preconizados pela agência transnacional organizadora do evento: o Estádio Nacional de Brasília, o “Mané Garrincha”, e o estádio da Fonte Nova, em Salvador.

Quatro equipamentos esportivos completam a lista. Estes foram parcialmente destruídos e sofreram uma reforma vultosa e dispendiosa: 1. O Estádio Mário Filho – o Maracanã – no Rio de Janeiro; 2. O Beira Rio, em Porto Alegre; 3. O estádio Plácido Aderaldo Castelo Branco, em Fortaleza, conhecido no jargão local como Castelão; e 4. O estádio Governador Magalhães Pinto, em Belo Horizonte, o popular Mineirão.

Para concluir a listagem, embora não integrantes do rol de estádios nacionais eleitos para 2014, dois clubes, o Grêmio Football Porto Alegrense e a Sociedade Esportiva Palmeiras, implodiram suas antigas edificações. Em seu lugar, construíram arenas “padrão FIFA”, com direito a *naming rights*, a terceirização de serviços administrativos e a

---

<sup>10</sup> Cf. RASPAUD, p. 133.

<sup>11</sup> Cf. MARTINS, 2016.

outras características dos modelos europeus adotados no Brasil. No caso destes dois clubes, Grêmio e Palmeiras, foi evidente a estratégia concorrencial de se equiparar ao patamar de infraestrutura das “casas” dos principais rivais, respectivamente Internacional e Corinthians.

É interessante notar que somente os estádios inteiramente novos receberam a alcunha de “arena”. Os que foram alvo apenas de reforma – independente da maior ou da menor intensidade das intervenções destinadas a cumprir as normas da FIFA – não receberam a nova categorização em seu nome. A única exceção foi a Arena da Baixada, pois esta, pioneira na adoção do modelo europeu de estádios no Brasil, já era conhecida como tal desde os anos 1990.

Em virtude de polêmicas na opinião pública, o Maracanã, cujo nome oficial desde 1966 era Estádio Jornalista Mário Filho, teve mais de uma vez sua nomenclatura alterada. Quando de sua reinauguração, em 2013, passou a ser chamado pelo concessionário responsável pela administração como “Arena Maracanã”. Em seguida, atribui-se a designação de “Novo Maracanã”. Finda a competição de 2014, no entanto, retomou a tradicional denominação de Maracanã.

Em São Paulo, uma concertação de interesses entre poderes públicos – governos federal e estadual – e privados – Confederação Brasileira de Futebol, Federação Paulista de Futebol, Sport Club Corinthians Paulista e empresas construtoras – fez com que uma arena fosse inteiramente construída na periferia da zona leste, a 22 quilômetros do centro da cidade. Sabe-se que esta articulação política interferiu na exclusão do então candidato mais provável, o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, pertencente ao São Paulo Futebol Clube.

Além do Morumbi, estádio com maior capacidade no estado desde 1970, projetado pelos arquitetos Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi<sup>12</sup>, existia a possibilidade, ainda que remota, de utilização do antigo Parque Antártica, de princípios do século XX, pertencente ao Palmeiras. O mesmo apresentara o projeto de uma intervenção estrutural radical, a ser capitaneada por um consórcio particular, com vistas à sua adequação ao formato multiuso e à normatividade imposta pela FIFA.

De qualquer forma, mesmo preterido pelos próceres da política esportiva e da administração local, o estádio palmeirense, situado no perímetro central da cidade, no tradicional bairro da Barra Funda, foi inaugurado pouco depois da realização da Copa 2014. Nesta ocasião, foi rebatizado com o nome de Allianz Parque, de forma a salientar sua homologia com o Allianz Arena, de Munique (2005), erguido por sua vez para a Copa do Mundo da Alemanha em 2006.

### **As arenas e o clubismo: um balanço da produção acadêmica no pós-Copa 2014**

Uma vez apresentados os estádios envolvidos e o projeto de mudança para o Mundial da FIFA, a seção a seguir se concentra na análise de pesquisas realizadas no Brasil acerca da modernização dos

---

<sup>12</sup> Cf. CERETO, 2003, p. 72.

estádios. Trata-se, em sua maioria, de investigações concluídas nos anos que se seguiram à vigésima edição da Copa do Mundo FIFA de 2014. Estes trabalhos monográficos, concluídos em período recente, procuraram examinar casos específicos de estádios convertidos em arenas, com a análise de suas formas de apropriação e de uso pelos torcedores de clubes.

Optou-se pela seleção de estudos que se debruçaram sobre as modificações das praças esportivas, dentre as que tiveram sua fisionomia alterada para o megaevento futebolístico, com o objetivo de entender como o torcedor, em particular o torcedor organizado, interagiu com o novo espaço. A partir das dissertações e teses levantadas, dois casos se destacaram: a Arena da Baixada e a Arena Corinthians. Por motivos de espaço, serão apenas mencionados, embora não desenvolvidos, estudos sobre o Mineirão e o Maracanã, aqui incluídos em razão do valor material e simbólico que possuem no imaginário nacional.

A seleção começa com a cidade de Curitiba e sua arena vinculada ao Clube Atlético Paranaense. Ela foi objeto da dissertação de mestrado Andréia Juliane Drula, defendida em 2015, no departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e intitulada “O processo de transformação de um estádio para arena: o caso Arena da Baixada”. À luz dos relatos dos seus frequentadores, a pesquisadora acompanha as mudanças desencadeadas entre 2009 e 2014. O estádio é entendido como um equipamento inscrito no espaço urbano, constituindo-se em fonte de lazer para os moradores da cidade, o que permite a vinculação identitária e a interface torcida-clubes.

A “atualização”<sup>iv</sup> do estádio remonta ao final da década de 1990, quando, por iniciativa dos dirigentes do C.A.P. – acrônimo do clube –, o até então denominado Estádio Joaquim Américo Guimarães iniciou uma profunda reforma nas suas dependências e transformou-se, ao final, na Arena da Baixada.

Inaugurado como tal em 1999, pode-se dizer que foi um dos primeiros equipamentos esportivos brasileiros a se amoldar ao padrão europeu. A arena introduziu no país o conceito multifuncionalidade e foi pioneira no formato publicitário *naming rights* – direitos de nomeação de um estádio – de seu patrocinador, passando a chamar-se Kyocera Arena. Dentre as similitudes da arena curitibana com as congêneres da Europa, encontram-se a proximidade dos torcedores com o campo de jogo, a ausência de alambrados e fossos de separação entre o campo e a arquibancada, presença dos *stewards*, seguranças privados dentro de campo que substituem os policiais. A isto se somam as áreas *vips* e as butiques, que põem o material do clube à venda.

Dez anos depois, em 2009, o processo se intensificou, com a escolha de Curitiba como cidade-sede do Copa e da Arena da Baixada como um dos doze estádios para partidas do Mundial. A intervenção demandou uma ação conjunta que revisou toda a disposição interna dos setores destinados à imprensa e ao público. Foram introduzidos camarotes e uma série de compartimentalizações teve lugar nos espaços livres das arquibancadas.

Para tanto, vultosos investimentos, amplificados com o atraso no cronograma das obras, foram despendidos pelos governos federal e estadual. Estes foram também secundados pela prefeitura municipal e pela direção do clube rubro-negro, sempre sob inspeção geral da entidade internacional, organizadora do evento.

Não obstante, mais do que um mero “espaço”, alvo de inovação tecnológica, capaz de gerar rentabilidade e de auferir lucro, a autora da dissertação define o estádio como um “lugar”, passível de estabelecimento de relações sociais, de realizações individuais e de um cotidiano sociocultural de lazer. Conforme muitos geógrafos e urbanistas preconizam, o local de encontro futebolístico não é neutro nem corresponde a demandas meramente mercadológicas.

A praça futebolística permite que os torcedores dele se apropriem, cunhando suas próprias marcas coletivas. Assim, à imagem passiva do usuário contrabalança-se a condição ativa dos sujeitos sociais. Se a “emoção” é uma das categorias constitutivas da adesão ao futebol, a condicionar estilos de vida ao redor do clube, as arquibancadas, por sua vez, tornam-se um lugar privilegiado à exaltação dessas mesmas emoções clubísticas.

Sendo assim, como aparece a arena nos discursos e nas práticas dos torcedores atleticanos após o Mundial da FIFA? Júlia Drula aponta algumas categorias extraídas das entrevistas com os torcedores e fornece boas pistas para responder à questão. Uma delas é denominada de “a beleza do morto”, termo inspirado no historiador francês Michel de Certeau para se referir à tendência nostálgica expressa por muitos torcedores do Atlético-PR em seus depoimentos.

Na correlação imaginária presente-passado, os entrevistados costumam valorar positivamente a tradição e as formas pretéritas de torcer. Relembrem assim o antigo estádio, que fora construído em 1913, e nutrem uma relação saudosista das suas instalações, a despeito de toda a precariedade e desconforto. A percepção se estrutura em comparação à nova arena, vista de maneira ambígua como “casa própria”, mas também como “palco” voltado para espetáculos musicais, teatrais, marciais, entre outros. Em meio à nostalgia, em que pesem as evidentes melhorias proporcionadas em face da precariedade até então vigente, os torcedores tendem a apontar o estádio como melhor do que a arena.

Um dos fatores que aciona o dispositivo nostálgico, por exemplo, assenta em certos detalhes. Um deles diz respeito à presença das cores vermelha e preta do time nas marcas visuais do estádio. Para os preparativos da Copa, estas foram subtraídas, em lugar da cor cinza. O formato cromático neutro, sugerido pela fachada acinzentada, ou para usar termos técnicos da área de patrimônio, seu “invólucro mural”<sup>13</sup>, é feito em função do princípio multifuncional, pois destina-se também a abrigar shows, cerimônias, feiras e até casamentos, conforme documenta a autora.

---

<sup>13</sup> Cf. GIRÃO, 2013.



Outra crítica feita às mudanças por parte dos torcedores relaciona-se ao fechamento de estabelecimentos situados nas imediações e no interior do estádio, a exemplo das lanchonetes, dos bares e das lojas preexistentes. O fim destes implicou uma modificação de hábitos e de costumes alimentícios dos frequentadores, inibindo o tipo de sociabilidade que predominava até então. Em seu lugar, serviços similares foram criados e internalizaram a lógica do *fast-food*, com vistas a atender a uma clientela mais bem aquinhoadada, de patamar econômico superior, consumidora de outra sorte de produtos.

A transformação da praça Afonso Botelho, situada nos arredores da arena, também foi alvo de crítica, em razão de seu esvaziamento. Isto se deu em seguida a uma alteração dos equipamentos de lazer que estavam à disposição dos frequentadores do estádio. Estes costumavam lá se reunir, antes e depois das partidas. Além disto, a área mais ampla de circunscrição do estádio sofreu fortes intervenções urbanísticas, com desapropriações e remoções, uma das pautas negativas da Copa de 2014 como um todo.

A “festa” proporcionada pela vibração da torcida é também um diferencial entre o que havia antes e depois, sob a ótica dos frequentados entrevistados. Conquanto não tenha desaparecido, o caráter festivo perdeu, segundo relatos transcritos no estudo, sua força e seu brilho. Foi no estádio Joaquim Américo Guimarães que se criou a mística do “caldeirão”, termo nativo designador da “casa atleticana”. Nele, acreditava-se que a performance e a pressão exercidas pela torcida local contribuíam para desestabilizar a equipe adversária e ajudavam o time rubro-negro a conquistar a vitória.

Outra pesquisa interessada na mesma ordem de questões foi desenvolvida pelo antropólogo Gabriel Monteiro Bocchi (2016), em dissertação intitulada: “Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de atualização”. Defendido no programa de pós-graduação em Antropologia Social da USP, o trabalho investigou em bases etnográficas as formas de torcer e os usos do espaço urbano advindos da mudança de estádio da torcida corintiana. O acompanhamento destaca a circulação dos atores pela cidade, no trajeto aos jogos, e as representações urbanas que se entrecruzam na sociabilidade juvenil em torno da vivência futebolística.

Como se sabe, o clube alvinegro, que reivindica o epíteto de “popular”, migrou da tradicional praça paulistana para a sua nova “casa”, a Arena Corinthians, no bairro de Itaquera, na zona leste da cidade. A transição é acompanhada *in loco* por Bocchi e permitiu contrapor, com o cuidado de evitar reducionismos superficiais, os elementos espaço-temporais polarizados em:

... o modelo de estádio *versus* o modelo de arena; um monumento histórico tombado *versus* uma novidade arquitetônica; arquibancadas de cimento *versus* setores com cadeiras; o ingresso em papel adquirido em bilheteria física *versus* a carteirinha de sócio-torcedor gerada via internet; a região do Pacaembu *versus* a região de Itaquera; vendedores ambulantes não regulamentados *versus* oferta de produtos e serviços no interior das praças desportivas; torcedores organizados *versus* torcedores não organizados; o ônibus da torcida organizada *versus* o

uso de meios de transporte público; os caminhos conhecidos *versus* os caminhos a serem criados.<sup>14</sup>

O contraponto entre o Pacaembu e a Arena em Itaquera também vai render manifestações valorativas de parte dos torcedores. A tendência a associar o primeiro à autenticidade e o segundo à artificialidade é recorrente entre muitos componentes do segmento de torcidas organizadas. No caso da dissertação em tela, Bocchi se detém com mais vagar em observações antropológicas sobre a torcida Estopim da Fiel, seguida nos deslocamentos da sede da torcida, em Diadema, até Itaquera, nos dias de jogos de Corinthians.

O ativismo do torcedor corintiano – também chamado de corintianismo<sup>15</sup> – é percebido, no entanto, desde o período da construção do estádio para a Copa. Entre 2011 e 2013, churrascos, ao mesmo tempo comemorativos e fiscalizadores, são feitos, com aval da direção do clube, nas proximidades das obras. A proposta era a reunião dos aficionados do Corinthians, de modo a acompanhar o andamento dos trabalhos da construção civil no período preparatório do Mundial.

Parte dos torcedores não poupa críticas à gestão da arena e à aparente contradição de um time que reivindica suas origens populares: um estádio luxuoso, com fachadas de mármore, sendo construído em uma área periférica, conhecida pela precariedade e pobreza das condições de vida da maioria dos moradores. Em 2014, no dia de comemoração do aniversário de fundação do clube, as torcidas se mobilizam para protestar com faixas, bandeiras e palavras de ordem. Nesta ocasião, inquerem o balanço financeiro das obras e cobram a manutenção de ingressos acessíveis ao “verdadeiro” corintiano.

Depois da inauguração, e passada a realização dos jogos da Copa no Itaquera, outra crítica, a cotejar o antigo e o novo estádio, é levantada. Esta se referia à locomoção dos meios de transporte para o deslocamento de ida e de vinda às partidas. Quanto a Itaquera, um dos problemas que chamou a atenção logo de início eram as partidas de meio de semana, às quartas e quintas-feiras, com princípio às 22h.

O fechamento do metrô acontecia quase que no mesmo horário do final da partida. Tanto os torcedores quanto a opinião pública interpelaram a CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – e as entidades esportivas responsáveis, alegando a impropriedade seja do horário tardio da partida em dia de trabalho, seja da ausência inicial de flexibilidade da concessionária de transporte. Após negociações com os poderes públicos, foi acatada a decisão manter a estação aberta na linha 3, sentido Leste-Oeste, até o escoamento férreo do público nos dias de calendário esportivo.

A pesquisa de campo do autor traz observações comparativas interessantes, mediante a descrição do modo de posicionamento de cada torcida organizada no Pacaembu vis-à-vis a Arena Corinthians. A disposição é fruto de um processo dinâmico de apropriação, em que os agrupamentos procuram-se situar no interior do estádio de acordo com

---

<sup>14</sup> Cf. BOCCHI, 2016, p. 34.

<sup>15</sup> Cf. TOLEDO, 2013, p. 149.

a configuração espacial e com as especificidades do perfil de cada um dos grupos.

O território das arquibancadas é demarcado em função de negociações das torcidas com a parte administrativa do estádio e varia em virtude da correlação de forças e o poder de barganha dos grupos. Entre eles, pesam o status, a hierarquia interna, a tradição e a estratégia de visibilidade das agremiações torcedoras. Este último quesito considera o local em que a faixa da torcida é disposta na arquibancada, o que possibilita a visualização de seu enquadramento nas transmissões da televisão.

O indicativo mais evidente do protagonismo das torcidas corinthianas, a incidir de maneira ativa na conformação do setor destinado às torcidas organizadas em Itaquera, foi a remoção das cadeiras após a finalização do Mundial de 2014. Se a Copa seguia a prescrição da totalidade dos torcedores sentados, com a instalação de assentos obrigatórios, o poder reivindicativo das TOs junto à diretoria do Corinthians ficou patenteado após o Mundial, com a retirada das cadeiras do setor norte, a partir de 2015.

A medida antecipava-se também ao potencial de danificação do próprio patrimônio do clube, uma vez que a quebra das cadeiras pelas torcidas organizadas – uma estratégia comparável, com a devida cautela, à do ludismo no século XIX inglês, quando operários, revoltados com a mecanização da Revolução Industrial, destruíam as máquinas – poderia ocorrer em fases críticas do time, em brigas com policiais, em protestos ou mesmo em momentos de desavenças das TOs, confinadas a dividir um mesmo espaço, entre si.

Embora o fato não seja mencionado pela pesquisadora Julia Drula com relação à Arena da Baixada, cumpre observar que a mesma demanda por retirada dos assentos ocorreu em Curitiba, a pedido da torcida “Os Fanáticos”, principal associação de torcedores do Atlético Paranaense, com o acolhimento do pedido pela diretoria do clube. Acrescente-se também que semelhante solicitação ocorreu no estádio Olímpico, do Grêmio, no que as torcidas gremistas foram igualmente atendidas em seu pleito pelos dirigentes do tricolor gaúcho.

Embora não venha a ser explorado, por limites de espaço, nesta seção, vale dizer que o Maracanã, por sua posição estratégica no imaginário coletivo e na construção da identidade nacional, foi objeto de agudas controvérsias. Isto porque as intervenções da EMOP – Empresa de Obras Públicas – e do consórcio de empreiteiras Odebrecht, Andrade Gutierrez e Delta levaram a termo decisões polêmicas, que interferiam na lei de tombamento do Maracanã pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tal como decretado após inspeção e laudo de técnicos do IPHAN, em 2000. A principal discordância incidiu na derrubada da marquise que fazia a cobertura do estádio, que constava dos itens tombados e imunes a qualquer ação de desconfiguração.

O tema também vem sendo alvo de interesse de diversos estudiosos. Dentre eles, poder-se-ia citar o trabalho de mestrado de Rafael Clemente (2016), recentemente defendido na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O autor vai da construção do

estádio, em fins dos anos 1940, à sua conversão em arena multiuso. Clemente procura analisar o Maracanã à luz das transformações macroeconômicas do capitalismo no século XXI, bem como através das mudanças radicais por que vem passando o futebol contemporâneo, em seu contínuo processo de mercantilização e de espetacularização.

Por fim, vale mencionar a tese de doutorado de Priscila Augusta Ferreira Campos, defendida no departamento de Educação Física da Unicamp no ano de 2016 e intitulada: “As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma”. Valendo-se da reflexão crítica de autores da geografia, do urbanismo e das ciências sociais, a Autora alinhava os inúmeros debates públicos sobre a transformação daquele ícone do futebol mineiro, desde a introdução de cadeiras, passando pelas apropriações das torcidas do Cruzeiro e do Atlético, até a metamorfose de tradicionais símbolos alimentícios do Estádio Magalhães. Dentre os alimentos, destaque para o tradicional feijão tropeiro, com seu respectivo processo de “gourmetização”, alvo de críticas e polêmicas de parte de seus frequentadores.

### **A “arenização” dos estádios paulistas sob a ótica dos torcedores organizados**

Após a apresentação desse balanço de monografias dedicadas a examinar a diade torcedor-estádio, ou arena-torcida, no período subsequente ao Mundial de 2014, passa-se agora a apresentar a pesquisa empírica desenvolvida pelos autores na cidade de São Paulo.

Em nosso estudo, em conformidade com as pesquisas supracitadas, as modificações de infraestrutura e os mecanismos de apropriação simbólica também são abordados, mas o foco incide de maneira mais direcionada nas percepções do segmento de torcedores conhecidos como “torcidas organizadas” ou “torcidas uniformizadas”. Estes grupos, tidos e havidos pela opinião pública como os responsáveis por atos de distúrbio e de vandalismo dentro e fora dos estádios, têm assistido, na esteira dos megaeventos, a um processo de asfixia econômico-jurídica.

Trata-se da tentativa mais ostensiva por parte das autoridades e dos organizadores do espetáculo futebolístico – Ministério Público, clubes e federações – de refrear a escalada da violência, com sua exclusão do cenário futebolístico, quer seja em termos jurídicos, com a proibição de sua entrada nos jogos, quer seja em termos financeiros, com a elevação do preço dos ingressos, dificultando seu acesso.

Em virtude disso, propusemo-nos realizar uma pesquisa qualitativa e quantitativa com vistas a conhecer a conformação socioeconômica e a observar aspectos comportamentais desses agrupamentos. Para fins de delimitação deste artigo, optou-se pela observação participante *in loco* do comportamento dos integrantes desses agrupamentos no espaço dos estádios paulistanos, quer seja os que permaneceram em seu estado original – Pacaembu e Morumbi – quer seja os que foram reformados e/ou erguidos para o Mundial de 2014: Arena Corinthians e Allianz Parque.

Nesse último caso, o propósito foi o de entender os efeitos de um diferente perfil de público na percepção dos torcedores organizados, tendo em vista a introdução de cadeiras, a diminuição da capacidade média de espectadores e a conseqüente elitização dos novos frequentadores.

Com base nas mudanças recentes, foi realizado um *survey*<sup>v</sup> para mensurar a visão dos torcedores organizados de São Paulo sobre diversas questões atuais da agenda pública brasileira na esfera futebolística. A pesquisa aconteceu durante o segundo semestre de 2014 e se estendeu até o mês de fevereiro de 2015. Para tanto, foram realizadas 612 entrevistas. Desta forma, o trabalho de campo e a aplicação dos questionários transcorreram ao longo de parte do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2014, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), da Copa Paulista, organizado pela Federação Paulista de Futebol (FPF), ambos durante o segundo semestre de 2014, e durante o período inicial do Campeonato Paulista de Futebol, série A1 2015, também sob competência da FPF.

Foi considerado “torcedor organizado”, para efeito de seleção dos entrevistados, o indivíduo portador de camisa e/ou boné, de calça e/ou bermuda com insígnias do grupo investigado, bem como aqueles que portavam bandeira, faixa e/ou instrumentos musicais associados às torcidas organizadas. Uma vez identificado um torcedor com uma destas características, dentro do estádio ou nos arredores da sua entrada, a pessoa era considerada apta a ser abordada pela equipe a participar da pesquisa. Ademais, foram delimitados no *survey* os membros das torcidas organizadas pertencentes a cinco clubes da cidade de São Paulo, tais como o Corinthians (146 entrevistados), Juventus (25), Palmeiras (163), Portuguesa de Desportos (25) e São Paulo (150) e Santos (103)<sup>vi</sup>.

A consecução do trabalho de campo foi feita com base em um questionário estruturado, o instrumento de coleta dos dados, com um total 50 perguntas. Como não há um cadastro atualizado dos membros das TOs dos clubes em questão, o que possibilitaria a adoção de uma amostra probabilística, foi escolhida uma amostragem de tipo não-probabilística, para tornar possível a coleta da sondagem de opinião<sup>16</sup>.

A equipe de entrevistadores, selecionada pelo Museu do Futebol, instituição parceira do Projeto, abordou os torcedores entrevistados, em sua maioria, nas dependências dos estádios, em espaços como as arquibancadas, os corredores e os demais setores de acesso e convivência. Em menor proporção, alguns entrevistados foram abordados nas adjacências das praças esportivas, momentos antes do início da partida, visto que uma parcela significativa ficava neste local organizando o material durante os preparativos para o jogo.

O trabalho de campo ocorreu nos seguintes estádios: Arena Corinthians, Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), Vila Belmiro (Santos), Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), Allianz Parque Arena (Palmeiras, Estádio Conde Rodolfo Crespi

---

<sup>16</sup> Cf. BABBIE, 1999, para maiores detalhes sobre a adequação da metodologia de *survey*.

(Juventus – Rua Javari) e Estádio Doutor Oswaldo Teixeira Duarte (Portuguesa de Desportos – Canindé), no período supracitado.

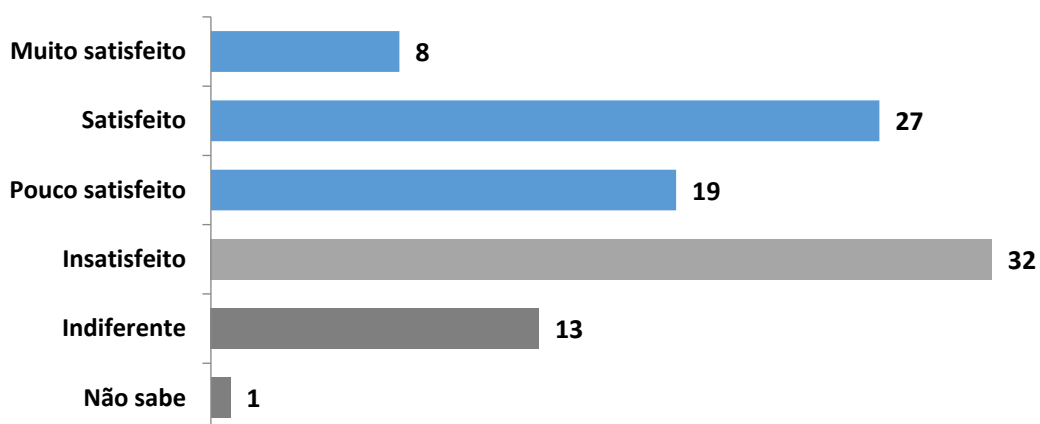
Os temas contemplados no *survey* permitem identificar o perfil socioeconômico dos torcedores organizados dos seis clubes. As temáticas possibilitam também a produção de indicadores quantitativos, com a finalidade de apreender o seu tipo de vínculo com o futebol, o grau de aderência a condutas consideradas antidesportivas e os modos de sociabilidade juvenil ensejados pelo futebol. Um dos temas propostos pela equipe participante no Projeto diz respeito ao grau de adesão às novas arenas multiuso, objeto central deste texto.

Assim, com os dados produzidos é possível avaliar a percepção desse subgrupo de fãs futebolísticos, que se fazem representar e acompanham de maneira sistemática as partidas de seu clube nos estádios. Busca-se aferir as formas de apreensão das arenas em duas vertentes principais: uma para a realização da Copa do Mundo FIFA 2014, outra para os campeonatos nacionais que se seguem ao megaevento.

A primeira dimensão a ser detalhada no trabalho é o grau de satisfação dos torcedores organizados paulistanos com esses novos estádios que foram construídos e modificados para a realização do mundial de futebol no Brasil, em 2014. Conforme o gráfico abaixo, o resultado da primeira variável utilizada apresentou um resultado que pode ser considerado pouco positivo.

Afinal, se por um lado cerca de 1/3 dos entrevistados se diz insatisfeito com essas arenas, por outro, 54% se autoclassificam como satisfeitos. Com relação a este último grupo, com maiores detalhes, foi estabelecido um gradiente classificatório. Nele, apenas 8% se declaram “muito satisfeitos” – categoria de maior intensidade de satisfação –, enquanto 27% se declaram “satisfeitos”, ao passo que 19% se dizem “pouco satisfeitos”, a categoria de menor nível satisfatório.

Gráfico 1 – Grau de satisfação em relação aos novos estádios e arenas para a Copa do Mundo 2014



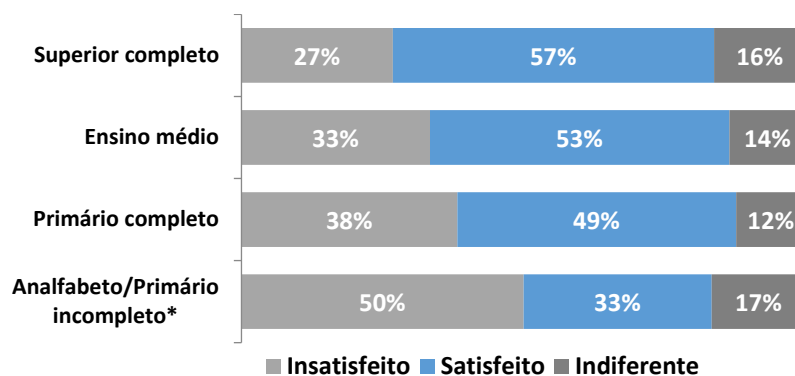
Fonte: FGV-Opinião; Hollanda, 2015.  
Elaboração: Jimmy Medeiros.

A avaliação geral dos entrevistados é mais positiva do que negativa, com uma diferença que atinge 22 pontos percentuais. De certo modo, pesam para isto a novidade da estrutura física, combinada aos quesitos que salientam melhorias na limpeza, na organização, na segurança e no conforto oferecido aos espectadores. Em sentido oposto, o elevado valor do ingresso e o controle imposto aos torcedores organizados – quer seja os materiais autorizados para entrada, quer seja os espaços reconfigurados no interior do estádio – pendem para a avaliação negativa.

Os dados apurados permitem inferir que essa nova configuração dos equipamentos esportivos agradou mais aos torcedores organizados com maior nível educacional. Segundo o gráfico a seguir, o grau de satisfação em relação às arenas para a Copa do Mundo 2014 cresce à medida que aumenta o grau de escolaridade do entrevistado. Entre os analfabetos, ou com primário incompleto, a proporção de satisfeitos alcança 33%. Essa taxa cresce para 49% entre os torcedores organizados com primário completo e 53% para aqueles com ensino médio completo. A proporção dos satisfeitos sobe para 57% entre aqueles que completaram, ao menos, o nível superior (gráfico 2).

Embora a pesquisa não tenha mensurado fatores relacionados à renda mensal dos entrevistados, é possível conjecturar que o grupo com maior grau de escolaridade tenha maior rendimento mensal. Isto porque diversos estudos apontam para uma estreita associação entre os níveis de renda e os índices de escolaridade no Brasil<sup>17</sup>.

Gráfico 2 – Grau de satisfação em relação aos novos estádios para a Copa do Mundo 2014 segundo nível de escolaridade<sup>vii</sup>



Fonte: FGV-Opinião; Hollanda, 2015.

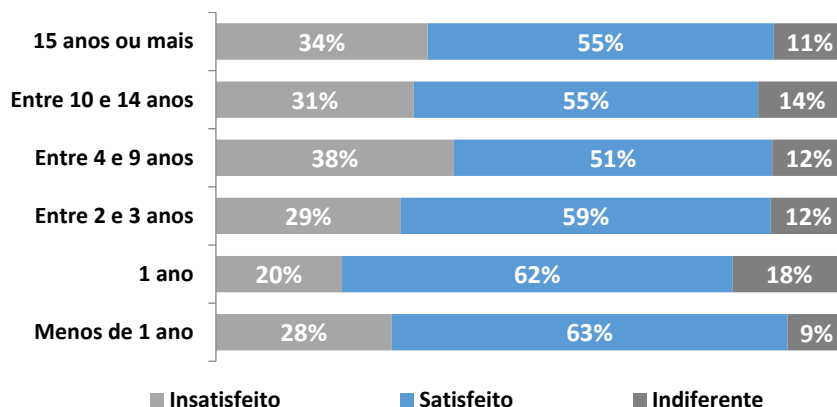
Elaboração: Jimmy Medeiros.

A satisfação com as arenas para a Copa do Mundo 2014 é maior entre os torcedores organizados com menor tempo de filiação às torcidas organizadas. Aqueles com menos de 1 ano e com um ano completo apresentaram, respectivamente, 63% e 62% de satisfação, sendo as maiores taxas de aprovação. Os torcedores entre 2 e 3 anos de filiação no segmento investigado externaram 59% de satisfação. Em

<sup>17</sup> Cf. SALVATO, FERREIRA, DUARTE, 2010; IPEA, 2013.

menor proporção, 51% dos entrevistados com 4 a 9 anos de filiação se autodeclararam satisfeitos com os novos estádios. 55% dos torcedores com tempo de filiação igual ou maior do que 10 anos manifestaram sua satisfação em face dos equipamentos esportivos inaugurados para a Copa do Mundo de 2014, conforme dados do gráfico abaixo.

Gráfico 3 – Grau de satisfação em relação aos novos estádios para a Copa do Mundo 2014 por tempo de filiação à torcida organizada



Fonte: FGV-Opinião; Hollanda, 2015.

Elaboração: Jimmy Medeiros.

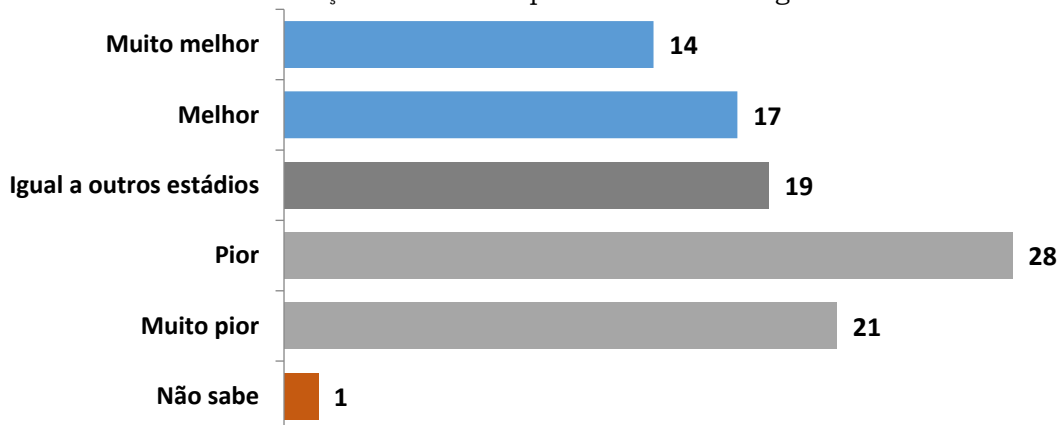
A relação entre as variáveis demanda um maior aprofundamento, característica que a pesquisa quantitativa, de acordo com Babbie, já citado, nem sempre permite. Porém, é possível supor que essa satisfação maior junto à fração dos torcedores organizados com menor tempo de filiação ocorra devido à menor experiência de socialização no universo das torcidas organizadas. Numa espécie de “carreira”, esta poderia ser dimensionada pela quantidade de estádios frequentados, pelo número de caravanas de que participou ou pelo tempo de dedicação ao futebol.

A segunda dimensão utilizada no estudo, e pertinente ao tema em questão, é a avaliação geral das arenas para as TOs paulistanas. Ou seja, trata-se de inquirir como os torcedores percebem as arenas e até que ponto elas constituem espaço para a atividade de torcer, de participar, de se manifestar, de incentivar e de realizar a “festa” nas arquibancadas. Esta pergunta foi feita na sequência da questão acima descrita. Se naquela prevalecia um entendimento mais positivo do novo equipamento para a Copa de 2014, neste quesito o teor dos respondentes foi, via de regra, mais negativo.

Afinal, enquanto 31% dos entrevistados acreditam que a arena é um espaço melhor e mais apropriado, um percentual de 49%, ao contrário, vê a mesma como pior em comparação aos modelos anteriores. Trata-se, pois, de uma considerável diferença de 18 pontos percentuais.



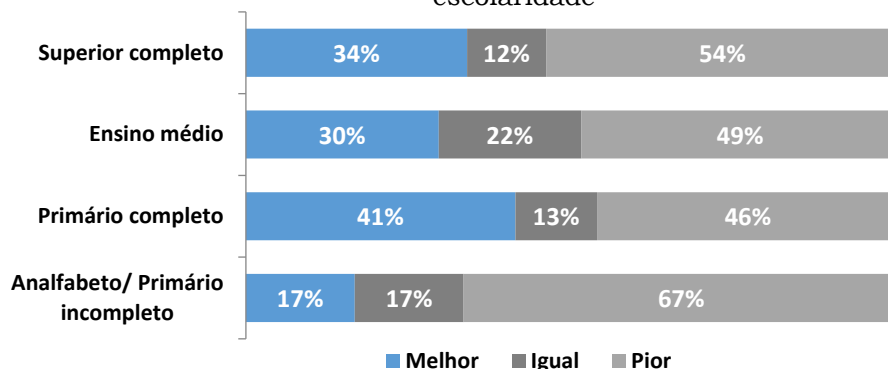
Gráfico 4 – Avaliação das arenas para as torcidas organizadas



Fonte: FGV-Opinião; Hollanda, 2015.

Elaboração: Jimmy Medeiros.

Se, antes, os torcedores com maior escolaridade eram os mais satisfeitos com as novas edificações para a Copa do Mundo 2014, na segunda questão eles são os mais insatisfeitos. Isto é, quanto maior o nível de formação escolar, mais crítico e insatisfeito tende a ser o torcedor organizado vis-à-vis as arenas. Conforme o gráfico a seguir, a arena é considerada pior por 54% dos entrevistados com o ensino superior completo. Esta proporção se reduz para 49% entre os respondentes com o ensino médio completo. Por último, a porcentagem cai mais um pouco, para 46%, entre aqueles com o primário completo<sup>viii</sup>.

Gráfico 5 – Avaliação das arenas para as Torcidas Organizadas por grau de escolaridade<sup>ix</sup>

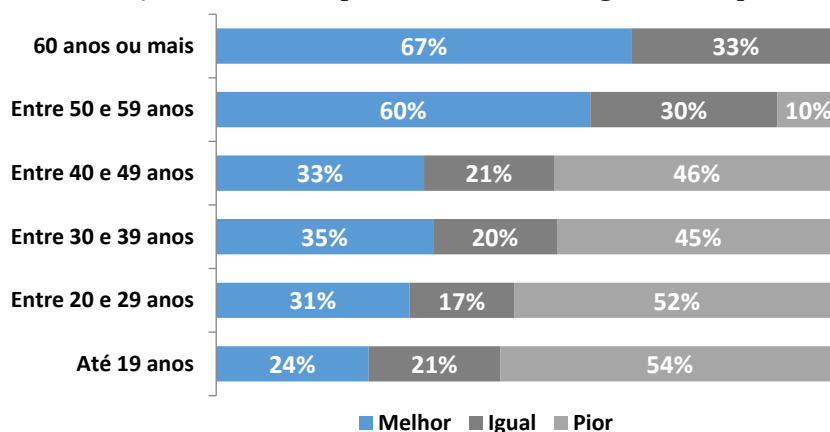
Fonte: FGV-Opinião; Hollanda, 2015.

Elaboração: Jimmy Medeiros.

De maneira complementar, vale o raciocínio segundo o qual quanto mais avançada é a faixa etária do entrevistado, mais ele percebe a arena como um espaço melhor para a torcida organizada. Provavelmente, é o torcedor que demanda mais conforto e que dá, pois, mais valor à organização. Assim, 24% dos entrevistados, com até 19 anos, acreditam que as arenas são melhores para as torcidas organizadas.

Esse percentual cresce para 31% e 35%, respectivamente, entre os entrevistados com idade entre 20 e 29 anos e aqueles com 30 e 39 anos. Os torcedores com 40 e 49 anos apresentam uma proporção inferior à categoria anterior, entretanto, a proporção é bastante similar (33%). Por fim, os entrevistados com idade entre 50 e 59 anos e aqueles com 60 anos ou mais apresentam as maiores proporções – 60% e 67% – de que consideram melhor. De acordo com o gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Avaliação das arenas para as Torcidas Organizadas por faixa etária



Fonte: FGV-Opinião; Hollanda, 2015.  
Elaboração: Jimmy Medeiros.

O cruzamento entre as variáveis temporais de filiação à torcida organizada e a positividade/negatividade das arenas para os integrantes das TOs não apresentou um resultado linear. Isto torna sua interpretação complexa, segundo o critério da análise estatística descritiva. Os torcedores com menos de 1 ano e com um ano completo de filiação são os que têm a opinião menos negativa, pois 38% e 36% dizem que as arenas são piores para as torcidas organizadas.

Os torcedores filiados durante 2 e 3 anos (52%) e 4 e 9 anos (58%) dizem em proporção maior que as arenas são piores. E, em proporção abaixo desta última, porém maior do que as duas categorias, os torcedores entre 10 e 14 anos de filiação (47%) e aqueles com mais de 15 anos (46%) criticam as novas arenas para performance das torcidas organizadas.

Esses dados denotam uma dupla avaliação do torcedor organizado. Pode-se inferir que há aceitação das novas arenas pela maioria, sobretudo, pelos torcedores com maior grau de escolaridade e também entre aqueles com menor tempo de filiação à torcida organizada. Em paralelo, as arenas não são bem avaliadas como espaço para a “festa” – categoria nativa – das TOs. O dado se acentua entre os torcedores com maior grau de escolaridade e aqueles das menores faixas etárias. Logo, há uma distinção da avaliação do equipamento esportivo para utilização no evento internacional da FIFA, de um lado, e da percepção de suas vantagens para o caso das torcidas organizadas, de outro.

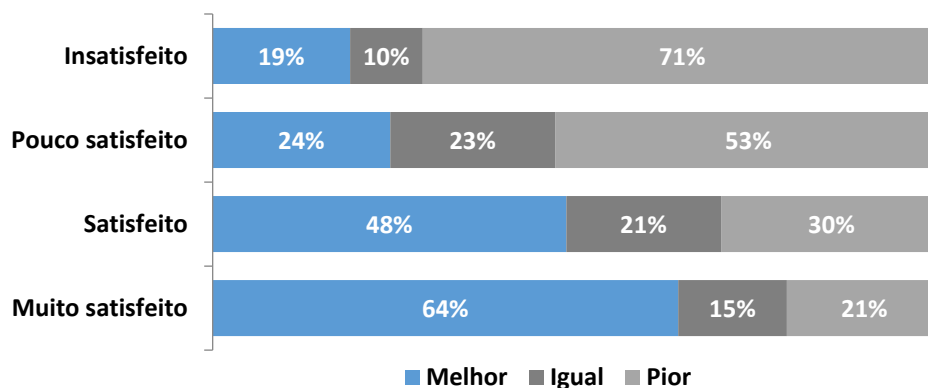
Apesar disso, quanto mais positiva é a satisfação do torcedor com os novos estádios para a Copa do Mundo FIFA 2014, mais ele tende a

avaliar positivamente as arenas para as torcidas organizadas. Desta maneira, apenas 19% dos insatisfeitos com os novos equipamentos esportivos para o Mundial de futebol acreditam que as arenas são positivas para as torcidas.

Essa proporcionalidade aumenta entre os poucos satisfeitos (24%), dobra entre aqueles que se classificam como satisfeitos (48%) e incrementa-se ainda mais entre os entrevistados muito satisfeitos (64%) com os novos estádios. Na avaliação das arenas, é plausível que o entrevistado considere os elementos fundamentais da modernização do futebol brasileiro, quais sejam: o maior valor dos ingressos; tecnologia e dispositivos de vigilância, por meio de câmeras e mecanismos óticos de identificação; limitações ao ato de torcer coletivo condicionados pela estrutura física; aplicação de punições mais severas aos envolvidos em brigas e conflitos nas dependências dos estádios.

Em contrapartida, deve-se considerar até que ponto a melhor organização do espetáculo, as formas de receptividade cordial e a preocupação com a limpeza das instalações físicas interferem nas opiniões dos entrevistados, uma vez que, dificilmente, estas podiam ser encontradas nos modelos de gestão dos antigos estádios.

Gráfico 7 – Avaliação das Torcidas Organizadas por grau de satisfação em relação aos novos estádios para a Copa do Mundo 2014



Fonte: FGV-Opinião; Hollanda, 2015.  
Elaboração: Jimmy Medeiros.

Para detalhamento do quadro opinativo, a tabela a seguir entrecruza duas variáveis. Se, no gráfico anterior, a pergunta sobre a avaliação dos estádios para a Copa 2014 foi considerada como variável independente – ou seja, tinha a função de auxiliar na explicação ou entendimento da aprovação/reprovação das arenas para as torcidas organizadas –, na tabela que se segue o critério é distinto. Desta feita, o objetivo é identificar a correlação geral entre as duas variáveis, identificando a proporção dos entrevistados, segundo as categorias das duas dimensões.

Desse modo, 23% dos entrevistados se dizem, ao mesmo tempo, satisfeitos com os estádios para a Copa 2014 e acreditam que arena é melhor para as torcidas organizadas. Com proporção semelhante, 23% dos entrevistados estão insatisfeitos com os estádios para a Copa 2014

e percebem a piora acarretada pelos novos equipamentos às TOs. Com efeito, neste trabalho esses dois subgrupos passam a ser chamados, de maneira respectiva, “satisfeito-melhor” e “insatisfeito-pior”. Estas são as duas principais proporções e atendem à expectativa da hipótese geral. Afinal, quanto melhor avalia uma variável, melhor tenderia a avaliar a outra, sendo esperado também, por silogismo, o efeito contrário em termos proporcionais.

Todavia, existe um subgrupo bem representativo do ponto de vista estatístico. Trata-se daquele composto por 121 entrevistados, o equivalente a 20% do total. Ele consiste em um extrato interessante, pois estão satisfeitos com os novos equipamentos esportivos construídos e reformados para uso no último torneio mundial de futebol entre seleções ocorrido no Brasil. Os mesmos mostram-se, sem embargo, insatisfeitos com o usufruto das arenas como espaço performático e coreográfico para as torcidas organizadas.

Tal parcela de torcedores organizados – agora denominados de “satisfeito-pior” – rejeita o processo de modernização dos estádios de futebol, em particular para a finalidade de participação do grupo a que se subordina, o que não chega a ser extensivo para o futebol como um todo.

Um quarto grupo, composto pelos insatisfeitos com as arenas para a Copa 2014 e que as consideram como melhor para as torcidas organizadas, tem uma pequena representatividade quantitativa: somente 6% do total de entrevistados, o que equivale a 36 respondentes. Com essa quantidade, a análise estatística fica limitada<sup>18</sup> e, portanto, foi desconsiderada neste trabalho. No entanto, uma investigação qualitativa e mais densa permitiria auxiliar o seu entendimento.

Tabela 1 – Avaliação das arenas para as Torcidas Organizadas por Grau de satisfação com os novos estádios e arenas para a Copa do Mundo FIFA 2014\*

		Arena para as torcidas organizadas			Total
		Melhor	Igual	Pior	
Grau de satisfação com os novos estádios e arenas para a Copa do Mundo 2014	Satisfeito	23% (138)	11% (68)	20% (121)	54% (327)
	Indiferente	3% (18)	4% (24)	7% (39)	14% (81)
	Insatisfeito	6% (36)	3% (19)	23% (136)	32% (191)

<sup>18</sup> Cf. LEVIN, 1987.

<b>Total</b>	32%	18%	50%	100%
	(192)	(111)	(296)	(599)

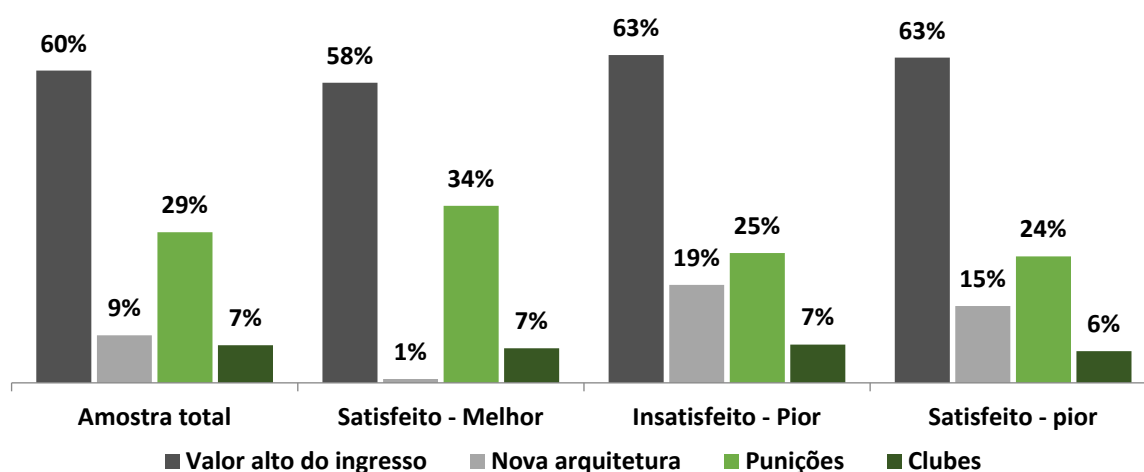
Fonte: FGV-Opinião; Hollanda, 2015.

Elaboração: Jimmy Medeiros.

Uma forma de caracterizar as diferenças entre os subgrupos identificados é o mapeamento das dificuldades para a sobrevivência econômica das torcidas organizadas, segundo a percepção dos seus membros. Na atualidade, o principal empecilho apresentado pelos torcedores organizados – dados apresentados no próximo gráfico – concerne ao alto valor dos ingressos para assistir a uma partida de futebol, decorrência da diminuição da capacidade dos estádios e da tendência à adoção do modelo de sócio torcedor pela maioria dos clubes da primeira divisão do campeonato brasileiro. As novas formas de aquisição de bilhetes de entrada configuram-se como uma barreira concreta para o acesso aos estádios e para a plena participação das agremiações torcedoras.

Esse obstáculo é mencionado por 60% dos entrevistados. Quanto às punições impostas às torcidas, estas aparecem com 29% das intenções. É a segunda categoria mais mencionada, com 31 pontos percentuais abaixo da primeira opção. Em proporção menos expressiva, aparecem o novo padrão arquitetônico das arenas (9%) e os clubes (7%), além de algumas menções que apontam a mídia, a Polícia Militar, as próprias torcidas organizadas e seus membros, bem como a Federação Paulista de Futebol.

Gráfico 8 – Principais Empecilhos para as Torcidas Organizadas (% Positiva por Categoria)<sup>xi</sup>



Fonte: FGV-Opinião; Hollanda, 2015.

Elaboração: Jimmy Medeiros.

A distribuição, no entanto, é distinta quando comparada entre os três grupos de torcedores caracterizados anteriormente. Para o grupo denominado como “satisfeito-melhor”, o valor do ingresso é o obstáculo mais mencionado. Todavia, a menção ocorre em uma proporção apenas pouco menor que a dos outros dois subgrupos. Para estes, as punições (34%), diante das demais, têm maior destaque. Além disto, a nova estrutura arquitetônica dos estádios é citada como sendo uma barreira por somente por 1%, proporção bem inferior aos outros subgrupos.

No que diz respeito ao bloco “insatisfeito-pior”, o valor alto do ingresso tem abrangência mais expressiva, computando 63% das respostas. Porém, o maior destaque comparativo refere-se à categoria “nova arquitetura”, uma vez que esta possui a maior incidência dentre os três grupos (19%). Talvez, a combinação dessas duas dimensões seja a razão da rejeição das arenas, tanto para a atuação das torcidas organizadas quanto para a avaliação do Mundial da FIFA.

Dessa maneira, há uma rejeição parcial às arenas como espaço para as TOs, sobretudo em razão da dimensão física, que limita a tradicional “cultura torcedora”. Esta é subtraída com a perda de espaço para afixar as faixas, decorrente da instalação de cadeiras nas arquibancadas, da proibição, em alguns casos, de torcer de pé e pular sobre os assentos, entre outros fatores.

No subgrupo “satisfeito-pior”, o valor alto do ingresso também tem proporção mais expressiva (63%) que o da amostra geral. A categoria “nova arquitetura” dos estádios é mencionada por 15% como sendo um inconveniente. Donde conclui-se que possui proporção intermediária entre os subgrupos “insatisfeito-pior” e “satisfeito-melhor”.

## **Conclusão**

O presente artigo procurou contribuir com uma reflexão sobre o futebol profissional de alto rendimento no Brasil contemporâneo. Trata-se de apresentar um recorte da contemporaneidade, por meio de um balanço das pesquisas acadêmicas que se seguiram ao término da Copa do Mundo de 2014 e por intermédio de um *survey* realizado com torcidas organizadas na cidade de São Paulo.

O contexto das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais torna compreensível boa parte da dinâmica esportiva brasileira dos últimos quinze anos. Em contrapartida, sabe-se que a recíproca é verdadeira: os esportes, mais que mero reflexo passivo da sociedade, é sua parte constitutiva, conformando-se em vetor das mudanças contextuais vivenciadas na economia, na política e na cultura.

Sendo assim, como não é possível contemplar todos os múltiplos aspectos envolvidos na vida coletiva, optou-se por um artigo dedicado à reflexão acerca do chamado “legado” dos megaeventos esportivos ocorridos no Brasil ao longo de uma década, entre 2007 e 2016.

Que país emerge dessa série espetacular de competições esportivas que colocaram o país no epicentro midiático internacional? Em meio às

convulsões deflagradas no país após as “Jornadas de Junho” de 2013<sup>19</sup>, *turning point* de um ciclo virtuoso de inclusão social, de estabilidade política e de crescimento econômico, como entender a destinação dos vultosos investimentos público-privados despendidos em infraestrutura e em organização para torneios como o Mundial da FIFA, em 2014, e os Jogos Olímpicos do COI, em 2016?

Se estádios públicos, como o Pacaembu (1940) e o Maracanã (1950), deram a tônica histórica do profissionalismo e da formação da cultura esportiva de massas no Brasil da segunda metade do século XX, parte-se do pressuposto de que, na esteira dos megaeventos multimidiáticos e planetários, a modernização das praças esportivas constitui uma fase de convergência e de alinhamento à configuração internacional do espetáculo futebolístico no raiar do século XXI<sup>20</sup>.

No decorrer do século passado, assistira-se à passagem do espectador, visto como personagem passivo, em torcedor, ser ativo e participativo da cena esportiva, em meio à massificação proporcionada pelas multidões dos grandes estádios. Presencia-se agora a conversão do tradicional torcedor em um modelo distinto, mais próximo à figura do consumidor ou do cliente.

Tal modelo preconiza um tipo de comportamento em princípio congruente com o novo espaço arquitetônico, dotado de tecnologia de ponta e integrado à cadeia de consumo da indústria do entretenimento<sup>21</sup>. Sem entrar em juízos de valor, trata-se de observar um equipamento esportivo que atende ao processo de atomização da experiência esportiva, à customização da fruição futebolística e ao provimento de uma engenharia de segurança mais avançada na esfera do lazer.

Fenômeno de abrangência global<sup>22</sup>, liderado pela Europa, mas com presença marcante em países como a China mais recentemente, o propósito aqui foi lançar luz sobre o caso brasileiro, de modo a avaliar as especificidades nacionais. Propôs-se enfocar a interação estabelecida entre o estádio e o torcedor, em especial entre as novas arenas e as tradicionais torcidas organizadas de futebol.

Assim, depois de uma revisão geral da literatura especializada sobre o tema, bem como das monografias acadêmicas dedicadas a averiguar os modos de resignificação dos estádios em cidades como Belo Horizonte, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo, foi possível chegar a proposta encetada por este artigo. Tratou-se de dar a conhecer resultados estatísticos de opinião pública com mais de mil afiliados de torcidas organizadas da capital paulistana.

O cerne do argumento foi analisar o “legado” da Copa de 2014 à luz de seus equipamentos esportivos em São Paulo e de que maneira, numa espécie de bifurcação, o torcedor organizado se posiciona em relação às suas vantagens e desvantagens. Ao desvencilharmos de juízos de valor, buscou-se compreender esse universo de frequentadores

---

<sup>19</sup> Cf. SOUZA, 2015.

<sup>20</sup> Cf. OSWALDO CRUZ, 2010.

<sup>21</sup> Cf. KENNEDY, 2016.

<sup>22</sup> Cf. FRANK; STEETS, 2010.

de estádios na cidade de São Paulo, decompondo seu perfil em termos etários, socioeconômicos, educacionais e “militantes” – este último quesito, posto nesses termos pois estima o tempo de filiação a uma TO, o seu grau de dedicação à entidade e a experiência acumulada nessa trajetória.

Foi possível concluir com a identificação, no momento da aplicação da pesquisa, de que há uma satisfação ligeiramente maior dos torcedores organizados com relação às arenas construídas e reformadas para a Copa do Mundo FIFA 2014. Isto, que pode ser considerado surpreendente para aqueles que se aferram a estereótipos e maniqueísmos, significou 54% do total. Assim, ao contrário do que se poderia imaginar *a priori*, retrata-se que houve apoio para a transformação dos antigos estádios em arenas, porquanto elas sugerem modernização, conforto e segurança para o conjunto dos frequentadores.

Não obstante, quando o torcedor organizado foi questionado sobre a adequação desses equipamentos ao desempenho das torcidas organizadas nas arquibancadas – cantar e pular coletivamente –, esse apoio se reduziu. Enquanto 31% dos entrevistados apontaram que as arenas são melhores que os outros estádios para as TOs, 49% consideraram o oposto. Verificou-se, portanto, a rejeição ao processo de modernização dos estádios brasileiros, ao apurar a opinião dessa parcela específica de torcedores.

À primeira vista, o valor cobrado pelo ingresso, a configuração icônica e as sanções impostas às referidas entidades podem dar conta da explicação da maior ou menor fatia de insatisfação. Mas, uma visão generalizante incorreria em equívoco de interpretação: existem diferenças internas marcantes entre os subgrupos de torcedores organizados. Enquanto a nova infraestrutura pesa menos para uns, para outros a crítica prepondera no item “punição”, que menciona o impedimento da frequência aos novos estádios por torcidas que se envolvem em brigas, distúrbios e que protagonizam toda sorte de episódios antidesportivos.

Assim, na contramão do senso-comum, constata-se a inexistência de um pensamento unívoco, tampouco de uma explicação homogênea para a percepção dos torcedores organizados sobre o processo de transformação do futebol, em particular, da infraestrutura dos estádios. As recentes mudanças no futebol demandam cada vez mais o mapeamento dos pontos de vista dos distintos atores envolvidos com esta atividade esportiva, de maneira a proporcionar alterações benéficas não só para o corpo de profissionais – atletas, gestores e demais atores da indústria futebolística –, mas também para os torcedores, individualidades e coletividades que dão sentido afetivo e emotivo ao futebol.



## Referências bibliográficas

ALM, Jens. *World stadium index: stadiums built for major sporting events – bright future or future burden?* Copenhagen: Danish Institute for Sports Studies/Play the Game, 2012.

BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisa de survey*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. *Do estádio Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de “atualização”*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social / Universidade de São Paulo, 2016.

CAMPOS, Flávio. “Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o conforto”. In: CAMPOS, Flávio; ALFONSI, Daniela (Orgs.). *Futebol, objeto das ciências humanas*. São Paulo: LeYa, 2014.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. *As formas de uso e a apropriação do estádio do Mineirão após a reforma*. Campinas: Tese de Doutorado em Educação Física/UNICAMP, 2016.

CERETO, Marcos Paulo. *Arquitetura de massas: o caso de estádios brasileiros*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Arquitetura/UFRGS, 2003.

CLEMENTE, Rafael William. *Maracanã: espaço e representações entre torcedores de futebol*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016.

DAMO, Arlei. “O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro”. In: CAMPOS, Flávio; ALFONSI, Daniela (Orgs.). *Futebol, objeto das ciências humanas*. São Paulo: LeYa, 2014.

\_\_\_\_\_. OLIVEN, Rubem. *Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico*. Campinas: Armazém do Ipê, 2014.

DE WAELE, Jean-Michel; LOUAULT, Frédéric. *Soutenir l'équipe nationale de football: enjeux politiques et identitaires*. Bruxelles: Éditions Université Bruxelles, 2016.

DRULA, Andréia Juliane. *O processo de transformação de um estádio para arena: o caso da Arena da Baixada*. Curitiba: Dissertação de Mestrado em Educação Física/UFPR, 2015.

DUMINY, James; LUCKETT, Thambi. *Literature survey: mega-events and the working poor, with a special reference to the 2010 FIFA World Cup*. Cape Town: WIEGO; African Center for Cities, 2012.

FERREIRA, João Sette Whitaker. “Um teatro milionário”. In: JENNINGS, Andrew (et al). *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?* São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2014.

FRANK, Sybille; STEETS, Silke. *Stadium worlds: football, space and the built environment*. London; New York: Routledge, 2010.

GIRÃO, Cláudia. *Maracanã: preservar ou destruir*. Rio de Janeiro: Relatório Técnico do IPHAN, 2013.

LEVIN, Jack. *Estatística aplicada a ciências humanas*. Editora Harba: São Paulo, 1987.

HATOUM, Milton. “Tarde delirante no Pacaembu”; “Estádios novos, miséria antiga”. In: *Um solitário à espreita: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 171-173.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Territórios do Torcer: uma análise qualitativa e quantitativa das associações de torcedores da cidade de São Paulo*. São Paulo: FAPESP, 2015. (Relatório de pesquisa).

IPEA. *Um retrato de duas décadas do mercado de trabalho brasileiro utilizando a Pnad*. Brasília: Comunicados do IPEA nº 160, 07 de outubro de 2013.

KENNEDY, Peter; KENNEDY, David. *Football in neo-liberal times: a marxist perspective on the European football industry*. London; New York: Routledge, 2016.

MARTINS, Mariana Zuaneti. *Aperfeiçoando o imperfeito: a ação sindical dos jogadores de futebol no período pós-Lei Pelé*. Campinas: Tese de Doutorado em Educação Física/Unicamp, 2016.

MASCARENHAS, Gilmar. “Rio de Janeiro 2016: a cidade em movimento”. In: *Revista USP*. São Paulo: n. 108, janeiro-março de 2016, p. 49-56.

OSWALDO CRUZ, Antônio Holzmeister. *A virada econômica do futebol: observações a partir do Brasil, da Argentina e de uma Copa do Mundo*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social/Museu Nacional, 2010.

PRONI, Marcelo. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Campinas: Tese de Doutorado em Educação Física/Unicamp, 1998.

RASPAUD, Michel. *Le sport au Brésil*. Paris: Éditions Chandeigne, 2016.

SALVATO, Marcio Antônio; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gomes; DUARTE, Ângelo José Mont'Alverne. "O impacto da escolaridade sobre a distribuição de renda". In: *Estudos Econômicos*. São Paulo: v. 40, n. 4, dezembro de 2010, p. 753-791.

SMITH, Neil. *The new urban frontier: gentrification and the revanchist city*. London; New York: Routledge, 2005.

SOUZA, Jessé. "As manifestações de junho e a cegueira política das classes". In: *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: Leya, 2016, p. 239-252.

SOUZA, Marcos de (Org.). *Arenas do Brasil: arquitetura e engenharia nos estádios brasileiros para a Copa de 2014*. São Paulo: Mandarim Editora, 2014.

TOLEDO, Luiz Henrique de. "Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquero e os impactos de um megavento na socialidade torcedora". In: *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: vol. 19, n. 40, 2013, p. 149-184.

Recebido em 24 de novembro de 2018

Aprovado em 21 de dezembro de 2018

---

<sup>i</sup> A citação, em uma tradução livre, significa: A gentrificação é o processo pelo qual os bairros pobres e da classe trabalhadora no centro da cidade são remodelados através de um influxo de capitais privados e a chegada de novos inquilinos e proprietários de residências de classe média. São bairros que antes experimentaram desinvestimento e um êxodo da classe média.

<sup>ii</sup> Cf. DUMINY, LUCKETT, 2012. De maneira similar, o estudioso Jens Alm, do Danish Institute for Sports Studies, desenvolveu um índice para reconhecer a viabilidade de estádios projetados para megaventos esportivos. Cf. ALM, 2012.

<sup>iii</sup> Um relato nostálgico e crítico sobre a demolição do Vivaldão foi publicado em crônica pelo escritor amazonense Milton Hatoum. Cf. HATOUM, 2013.

<sup>iv</sup> Os antropólogos Arlei Damo e Ruben Oliven preferem utilizar o termo "atualização", ao invés de "modernização", pois consideram que este é empregado de forma pouco rigorosa pela mídia e pelo público em geral. Cf. DAMO, OLIVEN, 2014, p. 119.

<sup>v</sup> Registre-se o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) no financiamento do Projeto "Torcidas Organizadas em números: uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo" coordenado por Bernardo Borges Buarque de Hollanda, entre 2014 e 2015, que permitiu a realização do *survey* e a produção de dados originais para este artigo.

<sup>vi</sup> Ainda que o Santos Futebol Clube situe-se em cidade vizinha, sua principal torcida organizada tem sede na capital paulistana e o time, com certa frequência, envia seu mando de campo ao Pacaembu, em razão da considerável massa de adeptos que possui em São Paulo.

<sup>vii</sup> Convém ressaltar que a quantidade de entrevistados Analfabeto/Primário incompleto é pequena e pode apresentar desvio no resultado.

---

viii Os torcedores analfabetos ou com primário incompleto têm uma quantidade de respondentes pequena (6 pessoas) o que pode explicar o resultado “errático”, segundo a hipótese esperada e encontrada nas demais categorias.

ix Convém ressaltar que a quantidade de entrevistados Analfabeto/Primário incompleto é pequena e pode apresentar desvio no resultado.

x 13 entrevistados não responderam às perguntas.

xi Os percentuais das demais categorias não foram consolidados no gráfico, demonstrando somente as três categorias de maior interesse para o estudo.